

Coisas de um livro antigo

O autor é Constantin Petrovich Podedonostzeff (1826-1907), estadista russo de grande projeção em sua época, professor e mentor do tsarevitch Alexandre, mas tarde Alexandre III. O livro é o célebre *Recueil de Moscou*, que na tradução francesa — a que tenho — recebeu o título de *Questões Religiosas, Sociais e Políticas*. A edição é de 1896. O interessante é a atualidade de seus conceitos, provando que este é um mundo sem mudanças essenciais. E, como nem todos possuem livros assim veneráveis pela idade e pela repercussão que tiveram em sua época, respinguei, para os leitores, alguns trechos que poderiam ser escritos hoje. Afinal, os velhos autores precisam ser arejados, de vez em quando.

*Sobre liberdade:* “Que vem a ser a liberdade pela qual, em nossos dias, os espíritos se agitam, tantos discursos insensatos são feitos, e pela qual o povo sofre tantos infortúnios? A liberdade, no sentido democrático dessa expressão, e o direito ao poder político ou, para usar outras palavras, o direito de participar do governo”.

*Sobre democracia:* “De todas as formas de governo, a forma democrática é a mais complexa, a mais difícil de praticar entre todas que a história nos apresenta... Qual é, pois, a vantagem geral da democracia sobre todas as outras formas de governo? Em toda parte, o mais forte é que se torna o dono do poder; ali, é um general que terá a oportunidade e a resolução; aqui, é um monarca ou um administrador que tem um plano de ação delineado e uma vontade inquebrantável. Em um governo democrático são os que sabem, engenhosamente, reunir e combinar, com seus amigos políticos, os sufrágios que levam ao poder, são os mecânicos hábeis no funcionamento do maquinário que se esconde atrás dos bastidores e faz mover os fantoches do cenário das eleições democráticas. A democracia considera o direito de voto como uma conquista de liberdade. Contudo, a experiência prova o contrário”.

*Sobre política:* A rapidez e fa-

cilidade com que hoje se chega a conclusões genéricas explica-se pela extrema desenvoltura com que se faz a escolha dos fatos e a forma de tirar deles conclusões. Daí o enorme sucesso dos oradores políticos, e o efeito irresistível que produzem sobre as massas com as frases indeterminadas que lhe dirigem. A multidão é depressa atraída pelos lugares-comuns revestidos de frases sonoras, pelas conclusões e idéias genéricas. E assim, se forma uma unanimidade imaginária, ilusória, que, apesar disso, dá resultados decisivos. A isso se chama “a voz do povo”. E acrescenta-se “a voz de Deus”.

O representante do povo deve, como tal, abdicar de sua personalidade e expressar, apenas, a vontade e o pensamento de seus eleitores; na realidade, os eleitores, pelo próprio ato da eleição, despojaram-se de todos os seus direitos em favor do seu deputado”.

“Pela situação e o papel que escolheram, eles (os que buscam votos) são obrigados a mentir e a mentir aos homens que desprezam; devem, custe o que custar, fraternizar com eles, lisonjeá-los, devem prodigalizar promessas, sabendo, antecipadamente, que não poderão cumprir, devem afagar as tendências e preconceitos mais vulgares da massa, para conquistar a maioria”.

O autor do livro era um tremendo autocrata. Procurador-geral do Santo Sínodo, foi o verdadeiro ditador da Rússia durante cerca de 50 anos, durante todo o reinado de Alexandre III e grande parte do reinado de Nicolau II. Mas tem uma clareza de exposição e um senso de argumentação que tornam o livro fascinante.

(23/01/95)